

PA LES TRA

CIÊNCIA,
APLICAÇÃO E
DIVULGAÇÃO

ANDRÉ SATHLER

02 / 11 / 2019

Realização:

Centro de
Formação, Treinamento
e Aperfeiçoamento



CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Pensei em começar com Gutenberg, bem antigo, só para lembrar que a imprensa veio antes da revolução científica. A revolução científica aconteceu após a invenção da imprensa, que causou uma revolução ali no ambiente europeu de circulação das ideias.

Então, a imprensa trouxe uma possibilidade, até então inexistente, de maior circulação das ideias, em maior velocidade, alcançando maior público. Não é correlação da causalidade, mas há quem diga que, sem a imprensa, não haveria revolução científica.

A ciência adotou a publicidade como um de seus elementos componentes. Então, por isso é que também elas têm muito a ver. Têm muito a ver do ponto de vista de que a ciência é produzida coletivamente. Isaac Newton dizia que subiu sobre ombros de gigantes; que ele produziu porque algumas pessoas produziram antes dele; que dialogou com essas pessoas que produziram e ele conseguiu fazer um avanço maior do que seria possível se ele começasse do zero, sozinho; que, se ele tivesse que pensar tudo sozinho, seria mais difícil e, provavelmente, ele teria chegado a um resultado bem menor do que o resultado a que ele chegou. Dizia ele: *“Subi no ombro de gigantes, li os artigos científicos que circulavam na época, li as ideias que circulavam, trabalhei com elas, ajustei minhas ideias”*.

Então, há o sentido da divulgação científica, que é o sentido da produção coletiva, e há o sentido muito próprio da ciência mesmo: o sentido do teste. Você coloca as suas ideias em teste. E há quem conceitue a ciência justamente como aquilo que é falseável, aquilo que você consegue dizer que não é válido. Então, você pega um artigo, replica aquilo que a pessoa fez, e obtém outro resultado. Você diz: *“Olha, falseei a sua hipótese. Então, não é ciência. Melhore a sua hipótese aí.”*

Outro elemento da divulgação é essa questão da falseabilidade. Há uma importante dimensão de verificar o que é científico mesmo através da replicação do que as pessoas fazem. Você vai lá e vê se aquilo deu resultado mesmo, se dá o mesmo resultado, ou não.

Daí a importância do método. O método é importante, porque é o método que vai permitir à pessoa repetir o que você fez, e tentar chegar ao mesmo resultado.

Há algumas discussões sobre em que nível isso é possível na área de ciências humanas, mas é uma discussão que no exterior já está ultrapassada. Desde que exista um método, isso é possível em ciências humanas. Qual o método? *“Vou ler Marx. Mas vou ler Marx com esta pergunta.”* Então, tudo o que eu ler de Marx vai ser a partir do ponto de vista desta pergunta aqui e vou chegar em tais resultados. Uma outra pessoa vai lá e diz: *“Vou ter que ler Marx com essa mesma pergunta e ver se eu chego às mesmas conclusões”*.

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Então, seja nas ciências humanas, seja nas exatas, o método é o que vai permitir à pessoa tentar replicar o seu trabalho e ver se chega às mesmas conclusões ou não. Aí, ela vai discutir ou vai provar que falseou a sua hipótese, e aquilo não era científico. Então, isso é muito importante.

E aí vamos caminhando aqui. Vamos imaginar que vamos fazer uma dissertação de mestrado, um artigo científico. Quando você faz uma dissertação... Uma vez, aqui neste auditório, o Prof. Fernando Sabóia disse algo muito interessante: *“Olha, quem faz o Curso de Especialização em Processo Legislativo da Câmara dos Deputados, aqui no CEFOR, é a pessoa que mais sabe de processo legislativo brasileiro federal no mundo!”* Aí, pensamos: *“Nossa! É meio ufanista isso falar uma coisa dessas”*. Mas, então, ele explicou isto: se você pensar bem, você está fazendo um curso de Processo Legislativo Federal oferecido pelo lugar onde acontece o processo legislativo federal, e muitos professores do curso participam efetivamente do processo legislativo federal. Portanto, você vai ser a pessoa que mais saberá disso.

Se pararmos para pensar, o mestre, o título tem muito a ver com o domínio de um ofício, é o domínio total de um assunto. Então, sobre a dissertação, o orientador também costuma falar ao orientando, para acalmá-lo: *“Quem no mundo mais sabe do seu trabalho é você”*. A gente pode até pensar: *“Nossa, que ufanista! Parece meio autoajuda.”* Mas, quando pensamos na racionalidade dessa frase, vemos que ela é quase que evidente mesmo. Quem se dedicou horas e horas a escrever exatamente aquele assunto com aquele título, com aquele viés, foi você, quem mais sabe do seu assunto é você.

Normalmente, uma dissertação, um trabalho científico tem um perfil monográfico, que é aprofundar ao máximo naquele assunto. Se você faz um trabalho assim, você é a pessoa que mais vai saber daquele assunto no mundo. Isso tem vantagens e desvantagens do ponto de vista da divulgação. As vantagens são que, realmente, você tem um domínio completo daquele assunto e poderá manobrá-lo de diversas formas, transformá-lo em um press release, transformá-lo em uma aplicação prática. Quem melhor vai poder fazer isso é você. A desvantagem é a paixão que isso gera: você também acaba ficando a pessoa mais apaixonada pelo seu trabalho no mundo, o que, às vezes, atrapalha um pouco a divulgação científica.

Eu vou citar um caso verdadeiro, acontecido aqui numa das nossas jornadas de pesquisa e extensão. Uma pessoa da jornada falou assim — a Câmara vai fazer 200 anos: *“Olha, a Câmara não funcionou bem até hoje porque não leram o meu trabalho”*. Essa pessoa é muito apaixonada pelo seu trabalho: *“E o meu trabalho é o melhor do mundo.”* Percebam

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

que há uma diferença: entre eu ser a pessoa no mundo que mais sabe sobre o meu trabalho e o meu trabalho ser o melhor do mundo, há um caminho significativo.

Esse é um caso verdadeiro e, vou dizer, um caso exatamente de desvantagem, por uma paixão excessiva pelo trabalho. Esse trabalho particularmente, até hoje, não rendeu nada para a Câmara, nem em artigo foi transformado. Não citei nomes nem nada, falei isso apenas para vocês terem noção de que é preciso ter um cuidado realístico em relação ao trabalho e que, talvez, o melhor caminho não seja chegar achando que o seu trabalho é o melhor do mundo, porque isso pode gerar resistência.

Nós estamos falando aqui da divulgação científica e também da possibilidade de aplicação dos trabalhos e do conhecimento gerado pelos trabalhos na vida real. O nosso mestrado é um mestrado profissional, e a Câmara tem nos demandado: *“Olha, vocês estão produzindo conhecimento. A gente quer que esse conhecimento também vire resultados para nós”*. Nós precisamos achar esse caminho, que é um caminho de divulgação também, de transformar os nossos trabalhos em aplicações práticas. Um caminho não muito bom é você chegar ao gestor e falar: *“O meu trabalho é o melhor do mundo, então, você faça aí”*. Você já está colocando o gestor na defensiva: *“Poxa, então, o meu não é nada, não é?”*. Temos que ter cuidado, saber dialogar.

Às vezes, o caminho é simples, o caminho é simplesmente dar a conhecer o nosso trabalho. Vou citar outro exemplo também concreto e real, puxando a sardinha para o nosso lado, de algo que fiz com o Fabiano e com a Juliana. Nós tínhamos um GPE sobre estratégia, para analisar a estratégia no Poder Legislativo. Isso já foi há bastante tempo, em 2010. Fizemos várias pesquisas, analisando a estratégia no mundo inteiro. E esse GPE gerou vários artigos, foi um GPE bastante produtivo.

A Câmara estava no seu processo de planejamento, naquele processo ainda centrado no Balanced Scorecard, etc. E, em um dos artigos, nós analisamos a experiência da Assembleia de Minas, que estava num caminho um pouco diferente do nosso, e fizemos uma comparação científica. Quando esse artigo saiu, nós simplesmente mandamos um e-mail para a APROGE de então, dizendo: *“Olha, pessoal, fizemos esse artigo aqui”*. Nem falamos assim: *“Mude tudo. O nosso trabalho é o melhor trabalho do mundo”*. Não. Nós simplesmente falamos: *“Fizemos esse artigo aqui, que tem a ver com o que vocês trabalham aí”*. Felizmente, isso gerou uma discussão na APROGE de então. Eles leram o artigo e gostaram dele; chamaram as pessoas de Minas para um evento aqui; nos chamaram; e fizemos o evento. Eventualmente, isso acabou desencadeando uma mudança na forma da gestão estratégica da Câmara, que foi mudada para se trabalhar

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

com um ciclo de mais longo prazo, um pouco inspirada na experiência de Minas.

Essa foi uma divulgação hipersimples, de se mandar um *e-mail*. Às vezes, se seu trabalho tem que vir à luz, mande um *e-mail*. Isso pode ser uma coisa simples, não é nada mágico ou tão complicado assim. Talvez a outra pessoa só precisasse saber que existia esse trabalho.

Em outros casos, quando é preciso ter uma postura um pouco mais ativa, você pode ter uma postura passiva. O que eu estou chamando de postura passiva? Quando você entrega aqui a sua dissertação, até por determinação, ela vai ficar na biblioteca e, no caso da Câmara, vai ficar na biblioteca digital também. Então, teoricamente, a sua dissertação é acessível ao mundo inteiro, a qualquer pessoa. A postura passiva é esta: *“Fiz isso e vou esperar. Como o meu trabalho é o melhor trabalho do mundo, ele vai brilhar. E as pessoas vão acabar baixando o meu trabalho por ele mesmo, eu não preciso falar nada dele”*. Essa é uma postura passiva possível. O seu trabalho vai ficar lá e, como o mundo de hoje é um mundo também de proliferação imensa de conhecimento, é muito difícil que, somente com isso, ele seja acessado. Existem excelentes trabalhos que não são acessados porque, realmente, o ser humano já não dá conta mais, e as ferramentas de banco de dados e robôs que já estão fazendo esse trabalho. Esse é outro elemento de divulgação de que vamos falar também aqui: os metadados.

A postura um pouco ativa é dar visibilidade ao seu trabalho sem fazer nada. Você não faz press release, não faz nada, vai simplesmente dizer que o seu trabalho existiu, nasceu e está disponível. *“Ah, meu trabalho dialoga com algo que é feito lá no CEDI!”* Então, mande um *e-mail* – nem precisa sair da sua mesa – para aquela pessoa do CEDI e fale assim: *“Meu trabalho dialoga com o que você faz aí”*. Não diga que o seu trabalho é o melhor do mundo, simplesmente dê uma visibilidade a ele, ou, se tiver tempo e quiser ser mais simpático, vá lá, aproveite para conhecer outras pessoas e fale que o seu trabalho dialoga com o que eles fazem, sem muita pretensão, sem querer forçar.

O gestor tem suas responsabilidades burocráticas, que são compreensíveis. A burocracia, até por definição, é resistente à inovação. É um grande desafio promover inovação em ambientes burocráticos públicos, mas é possível. O próprio Cristiano Ferri desenvolve todo um trabalho em cima disso, de mostrar que isso é possível a partir de diálogos simples. Não é nada muito complicado tentar mostrar para o gestor que existem caminhos aceitáveis e formatáveis dentro das normas burocráticas, para a transformação, e que isso pode estar no seu trabalho.

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Temos muitos trabalhos com esse perfil aqui no nosso programa, alguns deles mais distantes. Uma dissertação analisou, filosófica e conceitualmente, a tramitação de uma ADIN no Supremo, comparando com a tramitação legislativa na Câmara. Esse é um trabalho de aplicação prática um pouco menor. Você pode pensar: *“Poxa, esse trabalho nunca vai gerar nada”*. Mas gera, também por coisas simples. O Supremo tem, na TV Justiça, um programa de divulgação científica, que mostra trabalhos que têm a ver com o tribunal. A autora do trabalho disse: *“Supremo, aqui existe esse trabalho que dialogou com algo que tem a ver com vocês”*. E o Supremo disse: *“Ah, vem cá!”* Ele chamou a autora e apresentou o trabalho dela lá na TV Justiça, o que despertou mais atenção para ele.

Vai se saber o desdobramento disso, quantas pessoas assistiram ao programa, se algum Ministro assistiu ao programa ou pelo menos ficou sabendo dessa forma do trabalho e vai se interessar, algum dia, em usar esse trabalho no seu voto? Isso já é por conta daquilo que não temos controle. Mas, se a autora não tivesse feito esse movimento inicial de dizer que o trabalho dela existia e poderia ser apresentado lá, porque tinha tudo a ver, essa possibilidade não ocorreria. Como ela fez esse movimento inicial, a possibilidade passou a existir, porque — ninguém sabe — pode ser que um Ministro venha a ler o trabalho dela e que ele tenha uma aplicação prática muito real, aconteça mesmo.

Então, a postura ativa, para não assustar ninguém, pode ser simplesmente esta: mandar um *e-mail*, falar do trabalho, colocar, na sua rede social, o *link* para a dissertação, para o artigo. Esse é um esforço mínimo. Se você escrever um press release, fica melhor ainda, já será um esforço a mais. Mas, se você não quiser ter esse trabalho, deve, minimamente, compartilhar, dizer que o trabalho existe.

Especificamente sobre aplicações práticas, algumas revistas, periódicos científicos mesmo, têm pedido que se preencha um quadro de implicações práticas. Quando você submete o seu artigo, na hora em que está preenchendo aqueles campos que toda revista tem, como título e etc., há um campo chamado *“quadro de implicações práticas”*, para o qual elas orientam que, em 50 palavras no máximo, você diga o que o seu trabalho traz de contribuição prática. Novamente, pode ser que isso não se aplique a todos, mas se aplica à maioria. Não é para falar do método, não é para falar de ninguém do referencial teórico, não é para citar ninguém; é preciso que você diga, em 50 palavras, em que o seu trabalho contribui para o mundo.

Esse quadro de implicações práticas está sendo pedido em periódicos científicos, mas é algo que, mesmo que você faça só como exercício mental, pode ajudá-lo bastante na divulgação prática do seu trabalho aqui dentro da Câmara ou dentro de órgão onde

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

trabalha. Você diz em 50 palavras: “*Meu trabalho contribui com a Câmara dessa forma...*”. Aí você vai conseguir ter mais clareza, primeiro, para você mesmo e, segundo, de como vender para o gestor o seu trabalho e ele venha a se transformar numa aplicação. Então, esta é uma dica sobre os periódicos, com relação a seu trabalho, seu artigo, sua dissertação: dizer, no quadro de implicações práticas, em 50 palavras simples, com que o seu trabalho contribui. E você vai usar isso também como instrumento de divulgação. Até aqui está tudo bem? Como todo mundo está só acompanhando, está tranquilo, não é? (Pausa.)

Há algo que nós costumamos desprezar e que normalmente deixamos por último e fazemos mal e porcamente: a questão de alguns metadados. Por exemplo, temos que pensar bem num título. O título é um chamativo imenso para o seu trabalho. Alguns periódicos limitam o título a 12 palavras, deve ser mais chamativo, mais amplo.

Quanto às palavras-chave, muitos robôs de busca estão procurando no campo da palavra-chave. É uma coisa que muitos perguntam: “*O que é isso, gente?*” “*Ponha aí.*” A palavra-chave é algo muito importante, tem que se escolher bem, tem que refletir onde seu trabalho está se encaixando, porque, do ponto de vista da divulgação mais automática, de quem está buscando o seu trabalho na Academia, hoje isso é feito quase 100% por robôs. E o robô vai ali, vai olhar a sintática naquela palavra-chave. Então, é uma escolha que às vezes também é importante.

Com relação ao resumo, posso dizer que muitos ficam sem paciência de fazê-lo e entregá-lo. “*Ah, esqueci! Vou fazer agora. Faço-o em 5 minutos.*” O resumo também é um elemento importante. Muitas pessoas vão decidir se vão ler ou não o seu trabalho com base no resumo. Há modelos de resumo estruturado, para você lembrar o que tem que colocar no trabalho, como objetivo, resultado, conclusão, referencial. É só seguir a norma da ABNT que diz o que tem que haver num resumo. Siga e pense como você vai escrever seu resumo, gaste um tempinho com ele. Você gastou centenas de horas na sua pesquisa, então gaste 1 hora, 2 horas, pensando bem sobre o seu resumo, sobre as suas palavras-chave e sobre a tradução do seu resumo. Muitas pessoas colocam isso no Google Translate, que tem melhorado bastante. O Google Translate é uma ferramenta que tem aprendizado de máquina por trás e, a cada dia, melhora mais, tem ficado bom, mas um texto ainda não pode ficar sem o olhar humano. Não ache que, se você jogar algo no Google Translate hoje — pode ser que daqui a 1 ano, sim — não vai precisar conferir. Você tem que olhar, porque vêm muitas coisas ruins. Há pessoas que brincam, dizendo que o português é um dialeto, e digo isso sem preconceito. Mas, do ponto de vista da ciência, o

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

inglês é ainda uma língua de maior expressão. Então, pense bastante no seu resumo em inglês.

Quem tiver coragem deve traduzir seu trabalho. “*Nossa, que coisa difícil!*” É difícil, mas, se você, já pensando em outra forma de divulgação, quer ter um alcance maior para o seu trabalho, traduza, pague. Às vezes, se você não tem competência ou não tem tempo, pague! É válido pagar pela tradução do seu trabalho e publicar a tradução. E, às vezes, é mais fácil. As revistas estão muito disputadas, têm uma fila muito grande. Quando a CAPES colocou como critério muito determinante a publicação, as revistas se tornaram bastante disputadas, mas ainda há as revistas externas. Primeiro, há muito mais revistas externas do que internas; e, segundo, experiência própria, as revistas externas respondem mais rápido. Elas costumam dar uma resposta mais rápida, mesmo que seja negativa, e por meio delas o alcance do seu trabalho é bem maior — estou falando no caso de quem quer ter uma divulgação ainda mais ampla.

Sobre seus metadados, pense: metadado é o dado que vai possibilitar à pessoa encontrar o seu trabalho. É exatamente esse o sentido da expressão, é como você vai qualificar tecnicamente o seu trabalho para que as pessoas entendam tecnicamente onde ele se encaixa. Título, palavra-chave, resumo. Tem que fazer um esforcinho, tem que pensar sobre isso. Essa é uma questão.

Dissertação, como vou fazer? Há outras possibilidades. “*Vou transformar minha dissertação em livro*” — isso é válido também. O mercado editorial também está difícil, mas o mercado editorial ainda aceita publicação. Tem que fazer um esforço, o mercado editorial vai lhe pedir isso. Não dá para você pegar a sua dissertação e publicar como livro *ipsis litteris*; o mercado vai lhe pedir uma adaptação para tornar o seu trabalho mais comercial. Como transformar um trabalho científico em algo mais comercial? Ao diminuir citação, usar linguagem mais simples e mais direta, reduzir alguns pontos, reduzir digressões teóricas ou metodológicas, você transforma seu trabalho em algo mais comercial. Mesmo as editoras universitárias estão pedindo isso. Se você mandar um trabalho para a editora da UnB, ela vai lhe pedir a data do seu trabalho para o seu trabalho ser mais comercial, porque o fim da editora é vender livro, ela quer que seu trabalho seja mais comercial. Então você vai ter que gastar um tempo com isso. Há até livros com dicas de como transformar sua dissertação em livro. Sugestão: leia esses livros e faça isso, porque o mercado já está difícil e, se quiser simplesmente mandar o seu trabalho da forma como ele está, naquela crença de que é o melhor trabalho do mundo e o editor vai ter que reconhecer isso, meu amigo, você vai ter que combinar com o editor

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

antes.

Eu falei em gatekeepers. O editor é um *gatekeeper*, o parecerista da revista é um *gatekeeper*. Esses são os gatekeepers, as pessoas que têm capacidade de decisão sobre a publicação ou a não publicação do seu trabalho.

Aqui na Câmara e no Senado, nós temos uma particularidade, que é o Edições Câmara e o Edições Senado. Nós tivemos uma enxurrada de pedidos de publicação de dissertações, sejam as produzidas no programa, sejam as que os servidores fazem fora. Isso gerou um problema para o Edições Câmara, que não tinha condições de publicar tantos trabalhos. O Senado, até onde eu sei, resolveu isso criando um concurso – eles criaram um concurso. As pessoas participam, mandando as dissertações, e eles publicam as três melhores. Não sei se eles ainda estão fazendo isso, mas foi a solução que deram lá atrás. A Câmara ainda estava um pouco perdida com isso. Ela tentou um processo de *blind review*, submetendo as dissertações a pareceristas, da mesma forma que seria feito com um artigo. E não sei em que pé ficou.

Como estamos aqui falando da vida real, vou comentar um elemento de vida real nessas práticas, sem ponderar valores éticos. Um elemento de vida real nas nossas Casas, seja Senado, seja Câmara, é que às vezes se pede o apoio de um Deputado, que vai lá e faz um pedido a Edições Câmara. Dada a nossa realidade, às vezes o Edições Câmara faz a publicação por conta de um pedido dessa natureza. Estou comentando isso aqui porque é um caminho de divulgação transformar sua dissertação em livro. Algumas pessoas adotam esse caminho de tentar aprovar a publicação pela via da influência política. É um dado de realidade do nosso contexto. Não sugiro que esse seja o melhor caminho. Estou simplesmente constatando algo.

Então, qual é o caminho melhor? O caminho melhor é que o trabalho seja bom, que se faça uma boa adaptação e, como o site do Edições Câmara mostra, que submeta o seu trabalho. Vai demorar, mas eles dão uma resposta. E o trabalho eventualmente pode ser publicado. Mas a transformação dele em livro, seja aqui dentro, seja fora, é um caminho de divulgação também. É um caminho um pouco mais difícil, porque tem essa adaptação, que é um pouco grande.

Como o mercado está muito concorrido também, surgiu outro caminho que hoje é considerado perfeitamente válido: financiar a sua própria publicação. Há muitas editoras especializadas nisso. A pessoa paga a publicação do seu livro. Num processo editorial tradicional, a pessoa submete o trabalho, a editora publica, e a pessoa não paga nada. Depois a editora paga os direitos autorais à pessoa. Mas, hoje em dia, com

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

esse grande crescimento do mercado, há editoras especializadas em outro processo: a pessoa submete seu trabalho e paga, aí a editora publica o seu trabalho como livro. Algumas editoras são melhores do que outras. Algumas são mais sérias, fazem uma revisão do trabalho e dão um retorno melhor, até pelo investimento financeiro que se estará fazendo. É preciso pesquisar na Internet, porque há muitas hoje. E é considerado aceitável e válido fazer essa publicação financiada. Você paga, a editora publica. Ou, eventualmente, você pode fazer uma autopublicação, é só procurar uma gráfica e transformar fisicamente o seu trabalho em livro, por meio de um processo gráfico — paga e publica. É um pouco menos recomendado, porque tem um alcance ainda menor. Essas editoras que você paga e elas publicam normalmente têm sites, têm elementos de divulgação que dão alcance ao seu trabalho. Vale a pena!

E, por quanto? Depende muito do número de páginas. É realmente uma questão física, se você vai publicar só o digital, como e-book, ou só o impresso. Isso oscila muito. Se você quiser uma versão só digital, há editoras que propõem por 2.500 reais, depende do tamanho da editora. Mas é um investimento viável, não é algo impossível. E daí você vê o seu trabalho transformado em livro.

Transformar a sua dissertação em artigo é relativamente simples, embora trabalhoso. Nós estamos falando praticamente da mesma coisa, do mesmo tipo de texto, que não envolve a adaptação de texto, de redação; vai envolver uma capacidade de condensação e de entender como fazer isso. O artigo também segue a norma da ABNT; e, assim como o artigo científico, as revistas têm as próprias normas. O nosso artigo tem que seguir normas. A sua dissertação normalmente é grande. Hoje em dia, pela ABNT, um artigo deve ter 15 páginas. Há revistas que aceitam um pouco mais, ou um pouco menos. As que estão aceitando artigos grandes vão até 30 páginas, mas são raras hoje em dia. Então, normalmente uma dissertação de 80 a 100 páginas, fisicamente falando, terá de ser transformada em 15 páginas. É só uma questão de entender que não é simplesmente fazer um resumo de tudo, mas olhar para a estrutura do artigo e tentar adaptar.

Com relação à introdução de uma dissertação, normalmente as pessoas a fazem em três, cinco páginas e fazem até uma antecipação de referencial teórico na introdução, que às vezes é aceitável ou não. Mas, no artigo, a introdução tem que ser menor que uma página, e dela têm que constar os elementos: objetivo, referencial, metodologia, que é antecipada. Ela fica curtinha, com menos de 1 página.

O referencial teórico, que, na dissertação, vai estar em um, em dois, ou até em três capítulos, no artigo terá que ter duas páginas, no máximo. E como eu faço? É essa a parte

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

mais trabalhosa, mas, por outro lado, se você entender o mecanismo, torna-se a parte mais fácil. Isso porque o referencial tem que falar da ideia, do autor da ideia e por que a ideia é importante para aquele trabalho. Estou trabalhando na teoria do *stakeholder*, nesta visão Fulano e ano, Fulano e ano, Ciclano e ano, porque o meu trabalho vai falar disso. Então, às vezes, transforma-se um capítulo em uma frase, ou, para não exagerar, um capítulo em dois parágrafos. Mas, simplesmente, destacando a ideia e referenciando o autor, embora sem muita citação — realmente é aquela citação indireta: “*Estou trabalhando com tal ideia, na visão de Fulano e ano, Ciclano e ano*” —, em dois parágrafos. Este é o maior esforço: transformar sua dissertação em um artigo e conseguir condensar o seu referencial teórico em duas páginas.

Para os resultados, considerações finais e metodologia, gasta-se o resto, pois existe mais folga, porque o artigo quer dar espaço justamente para os resultados. Você gasta três páginas com a introdução e o referencial teórico, deixa o resto e vai discutir os seus resultados. É algo não tão difícil, mas trabalhoso. Como normalmente se termina um curso de pós-graduação no limite, muitas pessoas não dão conta de fazer esse passo a mais. Nem querem olhar mais o trabalho. Algumas pesquisas mostram que aluno de pós-graduação, de mestrado e de doutorado passa por superdepressão nos tempos atuais, com vários problemas. É uma exigência a mais entre as exigências que o mundo já nos coloca. Está tão difícil! E aí você chega ao final e não consegue dar esse passo a mais. Mas dê, nem que espere 6 meses, 1 ano — mas dê! A dissertação vai estar na biblioteca, portanto será acessada, será lida. Ela será lida, acredite que sim. Quem faz pesquisa científica normalmente faz esse tipo de pesquisa bibliométrica, sai consultando o que existe. Sua dissertação vai aparecer, vai ser citada, vai ser vista por esse mundo acadêmico, que faz pesquisa bibliométrica e que é um mundo pequeno. Mas, se você a transforma num artigo e a coloca numa revista, ele será muito mais visto do que a dissertação. É questão consagrada. Seja qual for a revista, transforme e coloque nela, e a visibilidade do artigo será muito maior. Então, faça esse esforço.

E a revista? Como eu disse, está muito concorrida. Mas, quem está nesse jogo está para jogar. Então, vamos lá!

Depois que você fez essa adaptação genérica, deixa com um formato mais ou menos genérico de artigo com 15 páginas, você escolhe a revista, que tem seus critérios. É uma coisa chata: você escreveu tudo dentro da ABNT, e essa revista escolhida segue a APA, que diz que, em vez de se usar vírgula, deve-se usar ponto e vírgula, etc. É coisa chata! Mas, enfim, não dá para você enviar ABNT para uma revista que pede APA. Ela vai

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

negar, sem olhar! As revistas estão assim. O *gatekeeper* nem é o editor. Nesse caso, ele é o estagiário; o pior *gatekeeper* que há é o estagiário. As revistas colocam os estagiários para darem uma olhada inicial no artigo, e, se a revista disser: “*Não aceito nota de rodapé*”, e você coloca nota de rodapé — e eu já passei por isso —, o estagiário diz que não aceita, te dá tchau e te devolve o artigo. O seu primeiro *gatekeeper* vai ser um estagiário. Se você não entrar na norma da revista, não adianta. Então, olhe a revista, veja o que ela pede e entre na norma da revista para tentar garantir que, pelo menos, chegue ao editor.

A revista deu um parecer muito crítico. Eu já vi isso; quem está nesse mundo vê isso. Muitas pessoas dizem: “*Ah, não entendeu o meu trabalho, porque o meu é o melhor trabalho do mundo. Esse parecerista está errado!*” Tudo bem, você não vai publicar naquela revista. É um caminho. Outro caminho é responder ao parecer. Se o parecer estiver pedindo mudanças, mas aceita a publicação se elas forem feitas, o melhor caminho é fazer as mudanças, ou justificar bem a não mudança. Para mim, é gastar tempo, porque tudo é tempo! Se disser: “*Sugiro que você troque esse parágrafo*”, mas você não abre mão dele... Também não é para você deturpar o seu trabalho. Então, justifique: “*Eu não fiz essa mudança aqui que o parecerista recomendou por causa disso, disso e disso*”. Daí, você corre o risco de ele dizer: “*Não vai mudar? Então, não aceito*”. Como também pode aceitar, desde que você tenha feito a justificativa. Já tive casos assim também. “*Aqui eu mudei, aqui eu não mudei, por conta disso, disso e disso*”, e o artigo foi aceito.

Tente entender a lógica e não se sinta ofendido. Ninguém está fazendo ofensa pessoal ao questionar o seu trabalho. Muito parecerista lê rápido mesmo e escreve qualquer coisa. É preciso saber que isso acontece e ter humildade e paciência para lidar com isso. Se o trabalho foi rejeitado, veio o parecer, incorpore o parecer e parta para a próxima.

Às vezes, as pessoas perguntam: “*Como se faz para publicar hoje?*” Para publicar em revista, hoje, realmente tem que ter aquela postura do Jean-Claude Van Damme, dos anos 80: retroceder nunca, render-se jamais. “*Ah, manda para dados, que é A1, que é difícil*”. Não! “*Ah, manda para a outra A1*”; “*Não, vou mandar para uma A2*”. Então, manda para uma A2. E assim, sucessivamente. Há mil revistas! O Qualis é agora unificado. Mas, mesmo quando é o Qualis da área, há mais de mil revistas! Em alguma delas você vai publicar o seu trabalho. Não desista! Vai tentando, aprendendo com as tentativas. Se vier parecer, você incorpora o parecer e manda para a próxima. A estratégia, nesse caso, é perseverança. Vai mandando, vai mandando. “*Nossa, mas eu tive oito, nove negativas!*” Nesse momento tem que ser cara de pau! Na décima, você consegue. Vai tentando, aprendendo e incorporando os pareceres. Ou consulta um colega, um professor: “*Rapaz,*

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

esse artigo aqui eu não estou conseguindo”. Você vê se dá para melhorar alguma coisa. Você vai conseguir. Se você não desistir, você vai conseguir. A questão é perseverança.

Nós já passamos por isso também, não é, Fabiano [Diretor da Coordenação de Pós – Graduação]? Aquele mesmo GPE que foi bem-sucedido e que teve muitos artigos publicados teve um que foi negado dez, onze vezes. Nós o mandávamos para a revista de ciência política, que dizia que o texto estava muito voltado para administração. Mandávamos para a revista de administração, que dizia que o texto estava muito voltado para ciência política. Continuamos tentando, tentando e uma hora conseguimos.

Caminhando para o fim, dentro do nosso tempo, passo à novidade que o Fabiano comentou, à novidade dos novos tempos: as pessoas estão realmente com a atenção fragmentada. Dizem que a nossa atenção na época do Gutenberg era total, as pessoas liam em voz alta e liam juntas, então estava todo mundo prestando atenção. Havia poucos livros, então algumas pessoas liam em voz alta e as demais ouviam prestando atenção. A *lesson*, a lição nas universidades, em muitas disciplinas, era ler um livro. Era a lição ler aquele livro. O professor lia, e os alunos ouviam. Daí que vêm as palavras. Aí começou a circular livro demais, já não dava para prestar atenção em tudo, e o mundo virou isso que vemos hoje, com Internet, com rede social, com nossa atenção cada vez mais fragmentada. Falo em relação ao que ocorria há 20 anos. Há experimentos que mostram que o plim-plim da Globo é o *spam* de atenção possível das pessoas. A cada 15 minutos havia o plim-plim de intervalo. As pessoas tinham spams de atenção de 15 minutos, que era o máximo a que elas chegavam, depois precisavam mudar o foco e fazer outra coisa, para que, depois, retomassem a atenção. De fato, você ia para a sala de aula, começava a olhar isso, falava 15 minutos e começava a mexer, um saía para ir ao banheiro. Plim-plim! Você vai aprendendo a lidar com isso. E essa atenção dura menos do que 15 minutos agora, menos do que 15 minutos.

O TED, que faz muito sucesso, tenta sintetizar assuntos muito complexos em palestras atrativas e dinâmicas de 15 minutos. Já é muito! Muita gente já não tem paciência para ver um TED. Agora as revistas estão pedindo um videozinho de divulgação curto, de 3 minutos. Fale sobre seu trabalho, fale sobre sua dissertação, aquela que você gastou uma centena de horas para escrever e que tem 100 páginas, fale sobre ela em 3 minutos. Fale bem, senão no primeiro minuto a pessoa vai parar de assistir. Fenômeno dos novos tempos!

Se você não está na primeira página de busca do Google, você não existe, já que 99% das pessoas não vão para a segunda página. É atenção. Se eu faço uma busca no

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Google, quero que apareça na primeira página. Se não apareceu na primeira página, não quero saber. Se não gostei no primeiro minuto ou nos primeiros 30 segundos, vou zapear. É o fenômeno do zap, que começou no controle remoto e hoje serve para tudo. Vou zapear a minha atenção, vou mudar a minha atenção para outra coisa.

Então, nesse videozinho de 3 minutos eu falo: meu trabalho é sobre isso, ele contribui com isso. São 3 minutinhos. Ponha o vídeo na sua rede social, no seu Instagram, onde mais você puder, mande para a revista, mande para nós!

Uma das propostas deste tema neste evento de hoje é começar a fazer um pouco da nossa parte em publicar isso pelo menos no *CamaraNet*, porque algumas pessoas ainda leem o *CamaraNet*. Se vocês começarem a produzir um videozinho de 3 minutos da sua dissertação, vamos dialogar com a SECOM – já está começando esse diálogo – para colocar lá no *CamaraNet* o seu videozinho ou o seu press release, que também é uma divulgação jornalística do seu artigo.

Eu vou até distribuir para vocês algumas dicas de *press release* baseadas exatamente no que eu acabei de fazer para a revista *Dados*. Transforme a sua dissertação ou o seu artigo em uma notícia de jornal. Basicamente é isso. O primeiro parágrafo tem que conter quem, o quê, onde, quando e por quê. Quem faz jornalismo a primeira coisa que aprende – não sei hoje em dia – é que tem que ter na notícia, preferencialmente no início da notícia, minimamente estes elementos: quem, o quê, onde, quando e por quê. Quem realizou a pesquisa? Quem está envolvido? O que há de novo? Onde ela foi feita? Onde ela foi publicada? Quando ela foi feita? Quando foi publicado o resultado? E por que esse resultado é inovador? Responda a isso no primeiro parágrafo, com linguagem simples. O que é uma linguagem simples? “*Eu, pesquisador do CEFOR, servidor da Câmara ou servidor de sei lá onde, fiz isso – em linguagem direta – e cheguei a tal resultado*”. Ponha isso no primeiro parágrafo do seu *press release*!

O seu *press release* idealmente tem que ter uma página ou no máximo duas, mas idealmente uma, numa linguagem bem sucinta e jornalística para despertar o interesse das pessoas. É o lado comercial do seu trabalho, o que a ciência muito tempo desprezou, porque estava preocupada com a qualidade científica dos trabalhos, mas agora a ciência começou a perceber que, para concorrer com essa quantidade de informações não científicas no mundo, ela precisa se tornar mais visível. Então, está começando a se preocupar com isso. Deve usar linguagem não científica para divulgar a ciência e torná-la mais acessível para que possa, no mínimo, disputar espaço com as *fake news* e com todo esse universo de notícias e informações que hoje existem no mundo.

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Para transformar seu artigo em um *press release* — vou deixar essas dicas com vocês — é preciso tentar criar um texto jornalístico sobre seu trabalho, artigo ou dissertação. A coordenação também está começando esse diálogo com a SECOM. Nós receberemos os *press releases* de vocês e vamos tentar publicá-los pelo menos no CamaraNet. Você pode dar um link do CamaraNet no seu Facebook, no seu Instagram, no seu LinkedIn, e o trabalho já vai repercutir e ganhar mais visibilidade.

Estamos nos dispondo — eu, pessoalmente, já me dispus com o Fabiano — a ajudá-lo. Se você está em dúvida se o *press release* ficou bom, mande para que possamos ajudá-lo e falar o que pode ser melhorado. Em caso de dúvida, vamos ajudá-lo. Hoje em dia está mais fácil. Um caso real: há muitos anos, eu estava começando minha vida profissional — trabalhava no gabinete de uma reitoria —, e o reitor me pediu: “Faça um *press release*”. Isso foi há muito tempo. Eu tentei entender o que era um *press release*, não sou jornalista, fiz e coloquei em cima “*press release*”. A universidade tinha uma jornalista que, depois de um tempo, entrou na minha sala. “Você vai ser preso por exercício ilegal da profissão. *Press release* só jornalista pode fazer!” Eu falei: “Não. Perdão, tire, mude”. Depois os jornalistas até perderam isso. Muito tempo depois até os jornalistas deixaram de ser.

Enfim, esse sentimento já não existe mais. Dá para fazer seu *press release* sem medo. Se houver problema, não coloque a palavra *press release*, e, sim, resumo, resenha. Mas mande. Estamos com essa disposição de ajudar você, seja a melhorar — vamos ajudar a escrever —, seja a publicar, pelo menos, no CamaraNet, que já é uma visibilidade muito maior do que somente no site da pós-graduação. Se ela aparecer no CamaraNet, já vai ter uma visibilidade muito maior. E, dessa visibilidade inicial do CamaraNet, você faz mais ainda, põe o link para LinkedIn, para Facebook, mostra para sua família que saiu na Câmara. Assim, seu trabalho vai circular mais.

A coordenação trouxe algumas cópias, que vou deixar para quem tiver interesse. São dicas simples de redação, como escrever um *press release*, assim como dicas bem simples, um parágrafo sobre esse vídeo, que é muito parecido com aquela promoção que a *Globo* fez sobre o *País* que eu quero para o futuro, na época das eleições. Grave com seu próprio celular, mas evite ruído de fundo, assista pelo menos uma vez antes de mandar. Você vai olhar se não quer repetir, pois pode aparecer algum barulho que atrapalhou, vai ver se disse o que queria, vai ver se irá ler ou falar espontaneamente. Então, são coisas simples para você pensar e tentar montar esse videozinho de divulgação do seu trabalho, buscando visibilidade que ajuda no seu capital reputacional. Hoje em dia isso é importante. Quando o Fabiano lê o meu currículo, sempre fico constrangido

CIÊNCIA, APLICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

e digo: nossa, estou sendo pedante de colocar essas coisas no currículo. Mas aprendi que é capital reputacional, e no mundo de hoje isso tem valor. Se eu tenho um trabalho científico, tem um valor.

Nesses dias eu fui procurado por uma ex-aluna de 20 anos atrás. Ela fez uma monografia na graduação que virou um artigo na revista da universidade. Hoje ela trabalha na Goodyear e falou: “*Estou me candidatando a uma promoção, estou montando meu memorial e quero citar aquele artigo*”. Eu a ajudei a recuperar a citação do artigo. Isso é capital reputacional, que vai ajudá-la a disputar essa vaga na *Goodyear*, como ela entendeu. Então, dar visibilidade ao seu trabalho vai aumentar seu capital reputacional e vai contribuir para a circulação das ideias científicas, um dos propósitos da ciência, como comecei, que é uma produção coletiva.

Bom, era o que eu tinha a dizer.

Diagramação/captação e edição do vídeo que deu origem ao texto: COEAD/CEFOR

Transcrição e edição: Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação.